

## **Por um Método Investigativo de Linguagens: Devires em Mídia Impressa e Digital<sup>1</sup>**

Douglas GALAN<sup>2</sup>  
Irene de Araújo MACHADO<sup>3</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Partindo do pressuposto de que os textos culturais estão em sinergia e dialogam com outros, este artigo pretende investigar as alterações ocorridas em mídias do meio impresso a partir do advento da Internet, buscando apreender a resignificação operada nos produtos editoriais cujo suporte é o papel, a partir do aparecimento dos recursos digitais. Considerando para isso o processo de modelização, tal como foi desenvolvido no campo da Semiótica da cultura, espera-se compreender a capacidade dinâmica com que a cultura produz linguagem e codifica sistemas, operando novas semioses em diversos contextos.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; Internet; modelização; semiótica.

A reflexão que a partir daqui se discorre não se coloca à margem dos questionamentos que emergiram no âmbito da Comunicação, a partir de meados da década de 1990 – pensamos aqui nas transformações ocorridas na esfera do jornalismo, a partir do avanço da tecnologia informática e, sobretudo, da rede de computadores, Internet. Ao contrário: esse pensamento nasceu, foi estimulado e está sendo desenvolvido a partir de um conflito crucial, que aventa possibilidades sobre os rumos dos produtos e da dimensão jornalística diante de um novo cenário.

No entanto, na expectativa de vislumbrar o entendimento dessa ocorrência por outro viés que não o dos imediatismos de fundos empresariais e comerciais ligados ao exercício dessa atividade, a reflexão proposta cuida de analisar tal problema no tocante às capacidades das linguagens circunscritas às mídias em questão. Assim, a presente pesquisa quer trazer uma contribuição semiótica à pergunta perturbadora; ao que, pela ordem dos signos, não necessariamente corresponde à uma resposta acabada e conclusiva, já que

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Ciências da Comunicação, da ECA-USP, email: [douglasgalan@gmail.com](mailto:douglasgalan@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora da ECA-USP, email: [irenemac@uol.com.br](mailto:irenemac@uol.com.br)

nenhuma reflexão dessa natureza é dada ao pesquisador, mas construída em seu processo de análise. E sendo a cultura um organismo vivo, tal como defendia Yuri Lotman, cabe aos cientistas que tomarem por base esse caminho a tentativa de flagrar os sistemas culturais, tais como eles se apresentam neste exato momento, dispensando exercícios frustrados de futurologia ou especulação.

Entendendo o fenômeno pelo viés dos sistemas culturais com o qual se envolve, o momento atual por que passa o jornalismo não demanda, portanto, apenas uma revisão sobre as características técnicas e estéticas de seus produtos culturais a fim de que se tornem mais adequados aos modelos em voga na contemporaneidade, mas requer uma maior compreensão de sua ação sógnica, que entra em diálogo e expansão, diante de novos fenômenos midiáticos e avanços. Retomando, assim, a cara ideia de que os encontros culturais são dialógicos e geradores de renovação dos sistemas de signos, noção que levou Lotman a investigar as relações entre sistemas de signos no espaço da “semiosfera” (Machado, 2007), a proposta de investigação considera como hipótese a possível ocorrência de modelização no jornalismo impresso como resultado do surgimento da Internet – ou seja, busca-se apreender a possível reestruturação sógnica da linguagem jornalística na atualidade, a partir dos referenciais digitais expostos no plano cultural.

Pela lógica do funcionamento da cultura, toda nova mídia traz outras ambiências. As mudanças na área de Comunicação carregam consigo algo de específico, que redefine algumas questões desse processo. O advento da Internet pode ser considerado como um desses fenômenos transformadores no curso dos sistemas culturais. Para além das considerações especulativas e precipitadas, inicialmente adotadas por catastrofistas, sobre o desaparecimento ou abandono dos meios precedentes, a Internet vem demonstrando outros desdobramentos. Suas características distintivas, relacionadas tanto a conteúdo verbal quanto visual, se mostram presentes em outras esferas da Comunicação, influenciando o fazer jornalístico dos meios precedentes de maneira direta, como se observa nas contaminações entre as linguagens gráficas de produtos editoriais ou, de maneira mais profunda, no âmbito simbólico da cultura jornalística, que se vê totalmente inserida nesse processo. Dessa forma, não apenas a Internet aproveita-se da chamada “convergência de meios”, como os próprios meios mostram-se impelidos a dialogarem com o sistema virtual e seus códigos. Estabelecendo diversas relações, jornais e revistas mostram-se cada vez mais associados à linguagem produzida na rede de computadores, provando que os discursos de ambas as áreas estão envolvidos em uma confluência de sentidos.

Ao propor uma compreensão para o tema, faz-se necessário, sobretudo, o entendimento do caráter específico das mídias sugeridas como base de estudo – jornais impressos –, especialmente no que se refere a suas funções de textos no contexto cultural. Nessa perspectiva, a análise de produtos editoriais de cunho jornalístico cujo suporte é o papel merecem passar por debates e esclarecimentos, não só em relação à sua natureza física, mas também quanto ao seu desempenho simbólico.

“O jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir de seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural. Se, na origem, o acontecimento não existe como um dado de 'fato', também não tem solução final. A informação não é o transporte de um fato, é um ciclo ininterrupto de transformações” (MOUILLAUD, 1997, p. 51)

O momento atual do jornalismo não demanda, portanto, apenas uma revisão sobre as características técnicas de seus produtos culturais, mas requer uma maior compreensão de sua ação sócio-cultural, que entra em diálogo e expansão, diante de novos fenômenos midiáticos e outras ambiências comunicativas. Apenas para expandir os horizontes de tal confluência e aventar outras expressões desse processo, recorreremos ao exemplo de Jhon V. Pavlik, em “Journalism and New Media”: novas narrativas técnicas, que envolvem a audiência em um contexto mais fluido de reportagem; escrita não-linear ou hipermidiática; extraordinária customização; e alta participação de envolvimento (PAVLIK, 2001: XIV).

### **Pensamento Semiótico Enquanto Metodologia**

Há evidências, portanto, que levam à percepção do tema e ao levantamento do assunto, a ponto de torná-lo pertinente à elucidação em pesquisa científica. A investigação a que se propõe este intento é analisar como as produções culturais do jornalismo estão sofrendo um processo de transformação para manter relações com esse novo momento da Comunicação. Em última instância, a pesquisa quer sistematizar as consequências dessa mudança e debater uma questão crucial (do ponto de vista de suas linguagens) para a mídia, atualmente: como a internet modeliza o meio impresso? O conceito de modelização deriva da teoria capital desenvolvida pela Escola de Tartu-Moscú para o estudo da cultura.

“Vale lembrar que o termo 'modelização' foi forjado no campo da informática e da cibernética, para designar a operação que, no contexto das máquinas, se encarregava da auto-organização e do controle sem os quais a comunicação não pode ser pensada como organização do que está disperso.

No campo da cultura, passa a designar processos de regulação de comportamento dos signos para constituir sistemas. Diante disso, entende-se a palavra 'modelização' como um 'programa para a análise e constituição de arranjos' e não a simples 'reprodução de um modelo', uma vez que a ideia de um 'programa' permite a existência de configurações sígnicas particulares, específicas e ainda comunicantes, como que postas em continuidade em uma cadeia de linguagens.” (RAMOS, MELLO, CAVALCANTI, ROCHA, NAKAGAWA, PEREIRA, PEREIRA, NAKAGAWA. In.: MACHADO (org.), 2007, p. 29)

Assim, nesta pesquisa, a partir da estruturalidade sígnica ligada ao conceito de modelização, surge o intento de apreender como se organiza, ou se atualiza, a linguagem nos produtos do meio impresso, mediante o surgimento de um novo sistema de signos no horizonte da cultura midiática.

Para análise das modelizações ocorridas no meio impresso em virtude da presença da Internet, se fez necessária uma visão aprofundada sobre um recorte específico dos produtos editoriais existentes no mercado brasileiro. Recorte esse definido em pesquisa de Mestrado, ligada ao programa de Pós-graduação em Comunicação, da ECA-USP. Com a intenção de enfatizar o intuito dessa investigação científica e, de fato, conquistar a capacidade de enxergar tal influência, foram consideradas neste trabalho, que atualmente conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), as edições de domingo de alguns dos principais jornais brasileiros. Foram selecionados tanto jornais em formato *standard* quanto em formato tabloide, para uma noção maior dos direcionamentos ocorridos no jornalismo impresso, de um modo geral. É da preocupação da pesquisa reconhecer, tanto em um formato, quanto em outro, quais são as mudanças ocorridas. Estão sob observação os jornais de formato *standard* Folha de S. Paulo (de São Paulo), O Globo (do Rio de Janeiro) e Jornal do Commercio (de Recife). E os títulos de jornais tabloides definidos são SuperNotícia (de Minas Gerais), O dia (Rio de Janeiro) e Zero Hora (do Rio Grande do Sul). A seleção de títulos foi orientada pela expressão dos veículos e por eles comporem uma amostra variada do exercício do jornalismo em diferentes regiões brasileiras. Os meses de março e abril de 2012 formam o espaço temporal de investigação. Ao todo, são oito edições dominicais dos seis jornais indicados que foram colhidas pelo pesquisador para a formação de *corpus*, totalizando 48 edições.

### **Primeiros Esboços**

A partir da seleção anteriormente descrita, a pesquisa foi de encontro às análises, inicialmente, a partir de exercícios comparativos, na busca de assimilar a composição do jornalismo em meio impresso e suas referências ao meio digital, tanto em conteúdo como graficamente. A construção da página, estruturação diagramática, leitura no espaço público são alguns dos termos da comparação realizada a fim de investigar o processo modelizante. E nesse sentido, tanto o pensamento teórico sobre o meio impresso, quanto as concepções semióticas formam a base dos princípios de análise.

Em seu atual momento de evolução (quarto mês do cronograma estabelecido para a confecção do relatório científico que deverá ser enviado ao órgão de fomento), a pesquisa passa pela fase de organização do *corpus* de acordo com temas e recorrências, com consequente tabulação e contagem de dados. Desse primeiro exercício de investigação científica diante do objeto proposto, foram extraídos alguns resultados que já indagam o pesquisador e que aqui se colocam como centro para discussão no Grupo de Pesquisa em Semiótica da Comunicação do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom.

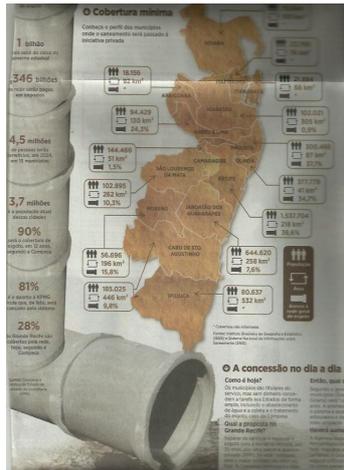
Nesse levantamento de dados, estabelecido por meio de leitura e anotação de observações, foram elencados os assuntos que a seguir se descrevem, considerados como categorias de recorrências de inserções relacionadas ao tema proposto. Os primeiros dados levantados, dedicam-se às observações presentes em reportagens. Num segundo momento (mas não menos importante), agrupamos as inserções que fazem parte do padrão editorial e gráfico – esquemas, caixas, complementos, textos, marcas e outros recursos – que remetem à Internet.

### **1) Internet presente em reportagens**

Aqui, nos ocupamos especificamente das informações e dados que aparecem decididamente em reportagens; considera-se, portanto, tais apontamentos como indicativos da presença da Internet como parte da atividade rotineira de produção de notícias.

**Reportagens com infográficos que ocupam mais de 30% da página.** Observa-se que, a partir da utilização do tecnologia informática como ferramenta na elaboração de jornais, os recursos técnicos e a as capacidades de criação da reportagem, sobretudo, da distribuição da informação pela página, ganha reforços. A reportagem amplia suas possibilidades de reprodução da informação, dando margem assim ao aparecimento de novos procedimentos e aspectos. Nos jornais analisados, foi constatada a aparição de matérias que além da

informação textual, contavam com grande total de conteúdo formado por infografia. Nesses casos, tal estratégia não foi adotada apenas como recurso de apoio, mas como elemento central, criando assim a noção de que esse procedimento tornou-se essencial na produção dessas notícias. Tal repercussão aparece em diversas situações no conjunto de jornais analisado, como no exemplo retirado do Jornal do Commercio (edição de 25 de março de 2012; caderno de Economia, página 5, reportagem: “Uma fartura histórica”).



**Reportagens sobre Internet ou tecnologia digital.** O jornal é um mediador cultural; possui a capacidade de selecionar elementos da cultura e transformá-los em dado novo, ou debatê-los à luz de esclarecimentos. A partir dessa concepção, surge na pesquisa o intento de captar do *corpus* obtido textos que reportem às capacidades dessa linguagem em reproduzir, remeter ou interagir com o conteúdo presente na web – quase sempre trazendo à berlinda informações novas dessa esfera (inovações tecnológicas, por exemplo) ou debatendo sua influência em aspecto comportamental. Esse termo é representado pelos exemplos abaixo, retirados da capa do jornal Zero Hora e da página 3 do primeiro caderno do Jornal do Commercio, respectivamente. Ambos de 15 de abril de 2012.



**Reportagens que demonstram preocupações institucionais quanto à Internet.** Como instituição empresarial, o jornal também participa de seu próprio enunciado, recorrendo à “primeira pessoa” para debater determinados assuntos. A Internet é alvo dessa abordagem em casos frequentes dentro do *corpus* analisado; com essa constatação, esse tema mereceu destaque na pesquisa. Esse item é comprovado conforme as imagens dispostas a seguir (capa do jornal folha de S. Paulo e página 2, editorial, no jornal Zero Hora, ambos do dia 11 de março).



**Reportagens com complementos na Internet.** Frequentemente, os jornais analisados dispunham junto às reportagens (quase sempre em notas de rodapé de página) informações adicionais sobre complementos de conteúdo das matérias na Internet, convidando o leitor a visitar sites e ter acesso a mais informações – acréscimos de dados, entrevistas, vídeos, entre outros. Tais inserções, muitas vezes, dividiam espaço com selos gráficos fixos, que registravam em cada caderno ou editoria, complementos adicionais daquela parte do jornal na Internet (esse recurso é listado à frente como fator referente ao segundo caso, formando uma característica do padrão gráfico/editorial). O primeiro caso apontado é exemplificado com as imagens abaixo, retiradas da reportagem publicada no dia 15 de março, no jornal Zero Hora. No box em detalhe se lê: “Assista a vídeo que mostra como é o prédio que abriga o Hospital Psiquiátrico São Pedro. Acesse zerohora.com.”



O número de ocorrências desses indicativos demonstrados referentes ao tema “**Internet presente em reportagens**”, na totalidade das 48 edições analisadas, no atual estágio da pesquisa, passa pela fase de contagem e tabulação de dados.

## 2) Internet presente no padrão gráfico e editorial

Nesse segundo momento, são levantados os aspectos residuais ou de fundo quanto à influência da Internet sobre os jornais analisados. Aqui ficam registrados os padrões, seções ou identidades fixas (presentes em todas as edições, e em geral sempre nas mesmas páginas) que possuem ligação com o repertório digital. Quanto a esse aspecto, não coube realizar levantamento de ocorrências, já que esses não são fatores isolados, mas gerais e arraigados na própria estrutura das publicações.

**Contatos de membros da equipe.** Em diversas situações, os jornais divulgam contatos diretos dos participantes de cada reportagem/artigo ou editoria. Em algumas das publicações, as reportagens eram assinadas e-mail do repórter responsável junto ao nome. Em outros títulos, cada caderno dispunha de contatos diretos dos editores responsáveis no alto da página – caso do Jornal do Commercio, por exemplo. Sem contar as seções já fixas, que estimulam a participação do leitor por cartas e também e-mail.



**Boxes fixos em cadernos com remissões à conteúdo na Internet.** Boa parte dos jornais analisados dispunham de pequenas inserções fixas em cada caderno ou editoria – em geral no rodapé de página – com acréscimos de reportagens, complementos ou informações na Internet. Muitas vezes, tais recursos permaneciam nas mesmas páginas, demonstrando a recorrência de repetições, motivo pelo qual esse recurso foi encarado como um padrão. Os exemplos abaixo foram retirados da seção de Economia do jornal “Folha de S. Paulo” e do cabeçalho do caderno de Esportes de “O Globo”, respectivamente.



**Páginas com microreportagens – adensamento de conteúdo.** Ao lado de reportagens com “texto corrido” surgiram na análise dos jornais trechos com outras matérias muito curtas, que de tão pequenas, chamaram a atenção do pesquisador. Muitas delas continham apenas títulos simples e textos explicativos, reforçando a característica de agilidade na leitura e dinamismo nas páginas. Esse recurso foi encontrado, sobretudo, nos jornais tabloides, como no caso abaixo do jornal “Supernotícia”, exposto abaixo.



**Recursos gráficos que remetem à Internet: telas, caixas, ícones, setas, ilustrações.** Aqui registrado por último fica o recurso mais evidente (no sentido lato da palavra) de aproximação entre Internet e jornalismo impresso. Notou-se, nessa análise primeira das 48 edições coletadas, que a maioria dos títulos adota recursos visuais que ficaram marcados por sua atuação no ambiente digital. Numa espécie de aproximação com a experiência de navegação no ambiente virtual, os jornais reproduzem inúmeros padrões de webdesign em suas páginas impressas, dando uma estática a esses recursos dinâmicos, “paralisando” a extensão do hipertexto. Tal iconicidade é constata em diversos jornais analisados, conforme nos exemplos adiante, retirados de um exemplar de “O dia”.



## Às Margens de Modelizações

Reiteramos novamente que nosso intento, mais do que apresentar propostas assertivas e resultados, em especial no atual estágio da pesquisa desenvolvida, é levantar possibilidades de interpretação e encaminhamentos de reflexão sobre os dados coletados no

tocante ao tema estabelecido. A proposta de pesquisa exige acuidade metodológica e rigidez teórica frente às constatações até a hora enunciadas. Se por um lado, a descoberta afirmativa das incursões propostas tornam a pesquisa bastante inclinada a apresentar resultados propositivos quanto ao surgimento de uma modelização, por outro, o entendimento mais aprofundado dessa teoria nos traz ressalvas quanto às conclusões sobre as observações constatadas.

Uma recuperação do conceito teórico central de nossa atenção merece aqui ser feita com clareza, para que não se banalize ou vulgarize a complexidade de seu alcance filosófico. Afinal, em torno desse tema é que foi constituído um projeto semiótico avançado, pelo grupo da Escola de Tártu-Moscou para o estudo da cultura, que se desdobrou ao longo de 30 anos e configurou todo o repertório teórico que hoje sustenta trabalhos científicos em largo campo. Além disso, não é só pelo respeito ao termo e pela expectativa de nos desviarmos de equívocos que estagnamos nessa equação. Há de se pensar que, se estamos falando de sistemas modelizantes, é impossível dispensar a complexidade das dinâmicas dos códigos culturais inerentes a esse processo ou descartar a profundidade das interações entre linguagens e sistemas, capazes de reconfigurar o campo cultural, próprios desse mecanismo. Traduzindo a teoria à nossa observação, isso significa se perguntar como a estrutura da linguagem (ou das plurais linguagens) que envolvem o jornalismo se reestruturam a partir de um dado novo, por meio de um “programa para análise e constituição de arranjos” (Machado, 2003, p. 49) em tensionamento.

Para além da obediência aos critérios terminológicos e conceituais, essa preocupação, por outro lado, também reitera um anseio ontológico, da práxis jornalística: de fato, há uma mudança dos produtos editoriais por conta da Internet? A aproximação gráfica/textual dos elementos digitais reproduzidos em páginas podem ser encaradas como mudanças profundas, da ordem dos signos? Estamos falando efetivamente de uma modelização? O próprio conceito nos ajuda a pensar tais questões e guarda em si uma possibilidade de resposta:

“Modelizar, contudo, não é reproduzir modelos e sim estabelecer correlações a partir de alguns traços peculiares. Implica antes a adoção de uma espécie de algoritmo cujo resultado mostre que o objeto modelizado jamais resultará numa mera cópia” (Machado, 2003, p. 50)

A compreensão mais detalhada dessa concepção não tem por objetivo, no entanto, barrar a constituição da linguagem jornalística em seu processo de evolução ou apontar

melhores alicerces para a construção de uma efetiva cadeia de construção noticiosa que considere efetivamente os avanços da Internet – nem conseguiríamos o feito, se esse fosse nosso intento. O objetivo ao justapor o conceito ao fenômeno de fato não é restringir exercícios ou condenar as práticas, mas sim, averiguar os resultados de evidentes propósitos dentro das atuações recentes na Comunicação. Apontar falhas ou inaptidões não cabe como escolha científica séria. Caminho melhor se mostra ao pensarmos as linguagens, todas elas, como resultado de um encadeamento de processos, numa ação sígnica contínua, que pode dar margem ao aparecimento de modelizações variadas em diferentes graus.

### **Considerações**

Tal como a arte, os mitos e a religião, alvo das investigações do grupo de Tartu-Moscou para o estudo da cultura, a Comunicação e o jornalismo podem ser considerados como um sistema de modelização secundário, afinal são constituídos a partir de estruturalidades e arranjos na formação de suas linguagens. Dessa forma, tais expressões culturais, repletas de sentidos, estão sujeitas a reconfigurações sígnicas, em sua evolução. No mês em que o trabalho pretensamente será apresentado junto ao GP de Semiótica da Comunicação no evento Intercom, a pesquisa deverá ter se encaminhado ainda mais para o debate e a resolução dos conflitos que aqui se apresentam. Dado o atual estágio de descoberta dos dados apresentados, bem como das incertezas teóricas que se colocam nesta reflexão, não caberia aqui uma conclusão, mesmo que parcial, sobre o tema proposto. Fechamos assim, a apresentação desse pensamento, deixando em suspenso a reiteração das suspeitas, hipóteses e indícios que apareceram no curso da execução do projeto científico que se desenvolve.

Dos experientes pesquisadores da área de Semiótica e Comunicação e do pares dessa área específica, que possivelmente, por felicidade, nos lerão, deixo a abertura para contribuições, diálogos e discussões. Com eles, diante do cenário investigativo que se coloca, espero evoluir nessa incursão, propondo o convite para pensarmos juntos sobre possibilidades de análises.

### **REFERÊNCIAS**

LOTMAN, Iuri (1978). **A estrutura do texto artístico** (trad. M.C.V. Raposo e A. Raposo). Lisboa: Estampa.

LOTMAN, Iuri (1998). **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.

MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 2007.

\_\_\_\_\_. **Escola de semiótica**. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Fapesp/Ateliê Editorial, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutemberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Nacional, 1967.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PAVLIK, John V. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.